

Domingo III do Tempo do Advento - Ano C – 15 dezembro 2024



Viver a Palavra

A alegria cristã nasce do encontro íntimo e pessoal com Jesus Cristo, o Salvador e Redentor da humanidade, Aquele que oferece um sentido para a vida e desafia a percorrer com esperança e confiança o caminho da santidade. Na Liturgia da Palavra deste Domingo, o convite à alegria está estritamente ligado com o permanente desafio à conversão e à mudança de vida: «*Que devemos fazer?*». Por isso, alegria e conversão são palavras que caminham de mãos dadas na nossa vocação batismal porque nos recordam que a verdadeira alegria nasce de um coração que dia após dia se renova pela força transformadora do amor de Deus.

O tempo de Advento está revestido da jubilosa esperança de um Deus tão próximo de nós que assume a nossa natureza humana, para nos ensinar a verdadeira arte de nos fazermos próximos uns dos outros. «*O Senhor está próximo*» e esta certeza da proximidade de Deus, como nos recorda S. Paulo traduz-se num insistente convite à alegria: «*Alegrai-vos sempre no Senhor. Novamente vos digo: alegrai-vos*». Inspirados por estas palavras que compõe a antífona de entrada deste dia, este Domingo é designado como Domingo *Gaudete*, isto é, Domingo da Alegria e, assim, a Liturgia da Palavra, as orações e a simbologia deste Domingo estão repletas de um convite à alegria e à esperança. A palavra alegria aparece 16 vezes na Liturgia da Palavra e nas orações da missa deste dia. E se contarmos palavras relacionadas com o convite à alegria como rejubilai e exultai, então o número sobe para 24 ocorrências. Mas esta alegria não é apenas um mero contentamento, nem um sentimento fugaz e efêmero de bem-estar e bom humor. É alegria que nasce do Evangelho, a alegria dos que reconhecem que a sua vida se abre a um bem maior e que não se contentam com menos que Deus e o Seu amor, revelado em Jesus Cristo como um serviço concreto aos irmãos.

Deste modo, acolhemos o convite de Sofonias e a exortação de Paulo aos Filipenses, conscientes que alegria cristã é a alegria daqueles que querem ver realizada na terra a verdade e a justiça, a alegria daqueles que não se deixam diminuir no seu desejo, nem deixam este desejo divergir e dissipar-se em alegrias fugazes que acabam por ser fontes de descontentamento próprios e alheios mas que procuram a satisfação plena que só em Deus se pode encontrar, pois é Deus o autor das mais profundas aspirações do nosso coração.

Esta alegria que se renova no encontro com Jesus Cristo reclama a disponibilidade de coração que João Baptista anuncia com o seu batismo de penitência. Por isso, também nós, interpelados pela presença e pela palavra do precursor, perguntamos como as multidões, os publicanos e os soldados: «*que devemos fazer?*». Para cada um, João tem uma palavra concreta e um desafio preciso. A escuta da Palavra não nos pode deixar indiferentes e o convite à alegria reclama movimentos concretos de conversão, pois um coração que em cada dia cresce na fidelidade ao Evangelho frutifica saboreando a alegria nova que brota do coração de Deus.

Os frutos da conversão que João Baptista aponta e reclama referem-se sempre ao nosso comportamento com o próximo. Fica claro, que a conversão, isto é, o nosso voltar-se para Deus passa sempre pelos nossos gestos com o próximo. No Evangelho o verbo «amar» traduz-se sempre pelas formas verbais «dar» e «dar-se». Deste modo, preparemos o Natal do Senhor com um coração agradecido pela presença terna e misericordiosa de Deus em Jesus Cristo e façamos da conversão verdadeira estrada que nos conduz à santidade. *in Voz Portucalense*.

+++++

O terceiro Domingo de Advento é designado como Domingo *Gaudete* (Domingo da Alegria). Esta designação é retirada da primeira palavra da antífona de entrada da missa: «*Gaudete in Domino semper*» (*Alegrai-vos sempre no Senhor*). A celebração eucarística deste Domingo é a oportunidade de uma reflexão sobre a

Sofonias considerava que o Povo de Deus não podia pretender ter um compromisso com Javé e, ao mesmo tempo, comportar-se como se esse compromisso não contasse para nada; achava que o Povo de Judá não podia invocar a Aliança e, simultaneamente, prestar culto a deuses estrangeiros, desrespeitar os direitos dos pobres, cultivar a exploração, a injustiça, as arbitrariedades. O que Sofonias pedia é que Judá se convertesse, que o Povo deixasse o caminho de infidelidade que estava a seguir e regressasse ao encontro de Deus.

O texto de Sofonias que a liturgia deste terceiro domingo do advento nos propõe como primeira leitura integra um lote de “promessas de salvação” (Sf 3,9-20) que aparece na parte final do livro. Antes, Sofonias tinha predito a chegada do “dia do Senhor”, o dia da intervenção justiceira de Deus, o dia em que Deus castigaria Judá pelas suas infidelidades (cf. Sf 1,14-18); tinha também avisado Jerusalém, a “cidade rebelde, manchada e opressora” (cf. Sf 3,1-8) que o fogo do zelo de Deus iria consumi-la... Mas, de repente, o discurso do profeta muda de tom; a ameaça do castigo transforma-se em anúncio de salvação; a aflição e o pranto dão lugar à alegria e à festa (cf. Sf 3,14-18). O que é que está na origem desta mudança? *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A Bíblia mostra, em cada uma das suas linhas, que a história dos homens se vai construindo ao ritmo do amor de Deus. A essência de Deus é amor; e esse amor, inquebrantável e sem medida, ilumina cada passo do caminho que os homens percorrem. O profeta Sofonias, dirigindo-se a um povo instalado na infidelidade, que escolheu caminhos de autossuficiência, de materialismo e de pecado, garante que o amor de Deus se sobrepõe à sua ira e que será fonte de conversão, de mudança, de vida nova. O amor infinito que Deus sente pelos seus filhos “obriga-O” a perdoar o pecado do povo (a “revogar a sentença de condenação”); mas, mais do que isso, faz com que o povo infiel sinta vontade de renascer e de percorrer caminhos novos. Desde a bela mensagem de Sofonias, passaram-se vinte e seis séculos; mas a essência de Deus não mudou. O amor infinito de Deus continua, em pleno séc. XXI, a derramar-se sobre os seus filhos e filhas. Eles vão deixando, em cada curva do caminho que fazem, as marcas da sua infidelidade e da sua debilidade; mas isso não impede que Deus continue a sustentá-los e a abraçá-los com o seu amor. A história que Deus vai construindo connosco não é uma história de condenação, mas uma história de salvação. A consciência de que Deus nos ama com um amor sem limites ilumina o horizonte da nossa vida? Acreditamos que o seu amor de pai e de mãe é muito mais forte do que a sua vontade de castigar? Estamos disponíveis para nos deixarmos abraçar e transformar pelo amor de Deus?
- Muitos acreditam que o medo é a única forma de levar os seres humanos a mudarem os seus comportamentos errados. Por isso, recorrem a ameaças, anunciam castigos, praticam – talvez com boas intenções – um “terrorismo espiritual” que provoca angústia, depressão e abre caminho a uma visão pessimista e negativa de Deus, da vida e do mundo. Talvez consigam, através do medo, mudar alguns comportamentos; mas o preço de tudo isso é muito alto: cria escravidão, sofrimento, consciência de culpa, traumas infindáveis. O que renova o mundo e o transforma não é o medo, mas o amor. O amor é que faz crescer, é que cria dinamismos de superação, é que nos torna mais humanos e mais livres, é que nos faz confiar, é que potencia o encontro e a comunhão... Devemos ter isto bem presente quando formos chamados a dar testemunho do Evangelho e a proclamar a proposta de salvação que o nosso Deus faz aos homens. No nosso testemunho de Deus, somos profetas do medo que escraviza, ou do amor que liberta? Anunciamos um deus justiceiro e intransigente, ou um Deus que ama incondicionalmente os seus queridos filhos?
- Sofonias anuncia a Jerusalém a presença de Deus no meio do seu Povo. É uma “boa nova” de salvação, que varre o medo, renova o ânimo, infunde coragem, abre a porta à esperança. Preparamo-nos para celebrar, dentro de poucos dias, a “visita” de Deus ao nosso mundo e à nossa história. Jesus é o Deus que veio habitar no meio de nós para nos mostrar, olhos nos olhos, os caminhos que Deus nos chama a percorrer para alcançarmos vida em abundância. Caminhamos pela vida conscientes de que Deus está no meio de nós? É esse o testemunho que damos aos outros irmãos e irmãs que vão ao nosso lado?
- “Clama jubilosamente, filha de Sião; solta brados de alegria, Israel. Exulta, rejubila de todo o coração, filha de Jerusalém” – pede Sofonias ao Povo de Deus. A constatação de que Deus nos ama e que reside no meio de nós com uma proposta de salvação e de felicidade para todos os que O acolhem, não pode provocar senão uma imensa alegria no coração dos crentes. Damos sempre testemunho dessa alegria? Será que as nossas comunidades são espaços onde se nota a alegria pelo amor e pela presença de Deus? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL - Isaías 12,2-3.4bcd.5-6

Refrão 1: Exultai de alegria,

porque é grande no meio de vós o Santo de Israel.

Refrão 2: Povo do Senhor, exulta e canta de alegria.

**Deus é o meu Salvador,
tenho confiança e nada temo.
O Senhor é a minha força e o meu louvor.
Ele é a minha salvação.
Tirareis água com alegria das fontes da salvação.
Agradecei ao Senhor, invocai o seu nome;
anunciai aos povos a grandeza das suas obras,
proclamai a todos que o seu nome é santo.
Cantai ao Senhor, porque Ele fez maravilhas,
anunciai-as em toda a terra.
Entoai cânticos de alegria, habitantes de Sião,
porque é grande no meio de vós o Santo de Israel.**

LEITURA II – Filipenses 4,4-7

Irmãos:

**Alegrai-vos sempre no Senhor.
Novamente vos digo: alegrai-vos.
Seja de todos conhecida a vossa bondade.
O Senhor está próximo.
Não vos inquieteis com coisa alguma;
mas em todas as circunstâncias,
apresentai os vossos pedidos diante de Deus,
com orações, súplicas e ações de graças.
E a paz de Deus, que está acima de toda a inteligência,
guardará os vossos corações e os vossos pensamentos
em Cristo Jesus.**

CONTEXTO

Filipos, situada na Macedónia oriental, fundada por Alexandre II da Macedónia, pai de Alexandre, o Grande, pelo ano 358 a.C., estava ao lado da “Via Egnatia” a estrada que ligava a Europa com a Ásia. O imperador Augusto fez dela uma colónia romana. No tempo de Paulo, a maior parte dos seus habitantes eram antigos veteranos do exército romano. A cidade era regida pelo direito romano e governada por dois chefes militares, ao estilo dos cônsules de Roma. Havia também na cidade uma colónia judaica, que costumava reunir-se para rezar num lugar fora da cidade, na margem de um rio. Da pregação de Paulo nasceu a comunidade cristã de Filipos (cf. At 16,11-40). Quando Paulo foi obrigado a deixar a cidade, deixou atrás de si uma comunidade viva e fervorosa, verdadeiramente empenhada em dar testemunho de Jesus e em viver a sua fé. Paulo manteve sempre com os cristãos de Filipos laços afetivos muito fortes. Essa ligação levou-o, inclusive, a aceitar, numa altura que estava na prisão (em Cesareia? Em Éfeso? Em Roma?), a ajuda económica dos filipenses, que lhe enviaram uma determinada quantia em dinheiro para que Paulo pudesse prover às suas necessidades.

Foi um tal Epafrodito, membro da comunidade cristã de Filipos, que levou ao apóstolo a ajuda financeira de que ele necessitava. Entretanto, Epafrodito adoeceu, o que causou algumas preocupações aos cristãos de Filipos. Logo que Epafrodito se restabeleceu, Paulo enviou-o de novo para Filipos e fê-lo portador de uma carta de agradecimento aos seus queridos amigos de Filipos.

Depois de agradecer a Deus pela sensibilidade dos Filipenses ao anúncio do Evangelho (cf. Flp 1,11), de informar a comunidade sobre a sua situação pessoal (cf. Flp 1,12-26), de dirigir exortações várias à comunidade (cf. Flp 1,27-2,18), de dar notícias sobre Timóteo e Epafrodito (cf. Flp 2,19-30) e de denunciar as acusações que lhe fazem os seus adversários (cf. Flp 3,1-21), Paulo – consciente de que ainda nem tudo é perfeito nesta comunidade exemplar – apresenta um conjunto de recomendações diversas de carácter prático. O texto que a liturgia deste terceiro domingo do advento nos propõe como segunda leitura contém algumas dessas recomendações. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- A alegria é a marca por excelência da existência cristã. Referimo-nos a essa alegria serena que não resulta de acontecimentos efémeros, de factos corriqueiros ou de razões puramente materiais; mas resulta da certeza de que “o Senhor está próximo”. Os cristãos caminham pela vida de olhos postos nesse horizonte. A vida deles não é um peso que arrastam numa fadiga sem fim, nem um calvário de medos e de desesperos; mas é um caminhar tranquilo, decidido e confiante ao encontro de uma salvação que não tardará a chegar. Por isso, o tempo do advento – este tempo de espera do Senhor que vem – é um tempo onde a alegria está especialmente presente. Ao longo do “caminho do

advento” que estamos a fazer temos dado aos nossos irmãos testemunho dessa alegria que nos aquece o coração?

- A certeza de que “o Senhor está próximo” alarga os nossos horizontes, reconcilia-nos com a vida, serena o nosso coração, torna-nos mais conscientes da bondade e do amor de Deus, dispõe-nos a ser bondosos, compreensivos, pacientes, afáveis, generosos para com os irmãos e irmãs que partilham connosco a aventura da vida. Será possível esperar o Senhor com um coração fechado, intolerante, prepotente, presunçoso, onde não há lugar para mais ninguém além de nós próprios? Enquanto esperamos a chegada do Senhor, como é que vemos, tratamos e acolhemos aqueles que caminham ao nosso lado?
- Não é possível acolhermos alguém com quem não comunicamos e de quem nos sentimos distantes. A espera do Senhor faz-se, portanto, num diálogo contínuo com Ele. Ao longo deste “caminho de advento”, temos arranjado tempo e disponibilidade para falar com Deus, para escutar a sua Palavra, para acolher as suas indicações, para lhe apresentar as nossas dúvidas, inquietações, sonhos e esperanças? *in Dehonianos.*

EVANGELHO – Lucas 3,10-18

**Naquele tempo,
as multidões perguntavam a João Baptista:**

«Que devemos fazer?»

Ele respondia-lhes:

**«Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma;
e quem tiver mantimentos faça o mesmo».**

**Vieram também alguns publicanos para serem batizados
e disseram:**

«Mestre, que devemos fazer?»

João respondeu-lhes:

«Não exigais nada além do que vos foi prescrito».

Perguntavam-lhe também os soldados:

«E nós, que devemos fazer?»

Ele respondeu-lhes:

**«Não pratiqueis violência com ninguém
nem denunciéis injustamente;
e contentai-vos com o vosso soldo».**

**Como o povo estava na expectativa
e todos pensavam em seus corações
se João não seria o Messias,
ele tomou a palavra e disse a todos:**

**«Eu batizo-vos com água,
mas está a chegar quem é mais forte do que eu,
e eu não sou digno de desatar as correias das suas sandálias.**

Ele batizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo.

Tem na mão a pá para limpar a sua eira

e recolherá o trigo no seu celeiro;

a palha, porém, queimá-la-á num fogo que não se apaga».

Assim, com estas e muitas outras exortações,

João anunciava ao povo a Boa Nova».

CONTEXTO

O Evangelho deste domingo leva-nos até ao vale do rio Jordão, ao encontro de um profeta chamado João, a quem as gentes da Judeia chamavam “o batista”. O seu pai era o sacerdote Zacarias (cf. Lc 1,5-25. 57-80). Mas, embora de família sacerdotal, não há notícia de que João tenha exercido funções sacerdotais no quadro da religião tradicional.

Por volta do ano 27 ou 28, João aparece nas franjas do deserto de Judá, perto de Jericó, na região da Perea (território administrado por Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande), na margem oriental do rio Jordão. Aí, num lugar que poderá identificar-se com o moderno Qasr El Yahud, João pregava “um batismo de conversão para remissão dos pecados” (Lc 3,3).

A pregação de João causou um forte impacto nas gentes da Judeia e da Galileia; e muitos vinham até à margem do rio Jordão escutá-lo. João denunciava – na linguagem rude de um homem do campo – o pecado e a rebeldia de Israel; e anunciava a iminente intervenção de Deus no mundo para acabar com o mal (“raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que está para chegar? O machado já se encontra à raiz das árvores;

por isso, toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo” – Lc 3,7-9). A forma de evitar a “ira de Deus” era, segundo João, converter-se radicalmente, cortar com o pecado e voltar para Deus. Aos que se dispunham a essa mudança, João propunha um gesto purificador e renovador: uma imersão nas águas do rio Jordão. Era por isso que lhe chamavam “o batista”.

O judaísmo antigo conhecia diversos rituais de purificação pela água. A seita judaica dos essênios, instalada em Kûmran (uma aldeia situada muito perto do lugar onde João batizava) praticava diariamente banhos rituais de purificação em piscinas construídas para o efeito. Mas o gesto que João propunha era diferente. Quem aceitava a sua proposta de conversão, era imerso por João nas águas-vivas do rio Jordão, confessava os seus pecados, recebia o perdão de Deus e saía da água purificado. Este ritual só se fazia uma vez. A pessoa que tinha sido “batizada” por João passava a pertencer à comunidade da nova Aliança. Voltava para sua casa decidida a viver de uma forma nova, sentindo-se membro de um novo Israel, preparada para acolher a chegada iminente de Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- No centro da mensagem de João Batista está o apelo à conversão, à mudança radical de vida. Como é que respondemos a esse apelo? Como o concretizamos? Trata-se de sentirmos um arrependimento vago pelo nosso egoísmo e pelas nossas opções erradas? Trata-se de pedirmos perdão a Deus pelas nossas faltas e de acalmarmos a nossa consciência com algumas orações ou práticas de piedade que “compensem” Deus pelo mal que fizemos? João Batista pede muito mais do que isso... Pede uma efetiva mudança de vida que produza “frutos de sincera conversão”. A nossa mudança tem de traduzir-se em “frutos bons”, em gestos diferentes, numa nova forma de viver e de atuar, em comportamentos mais humanos, mais altruístas, mais solidários, mais bondosos, mais misericordiosos. Neste tempo de advento, preparando-nos para acolher o Senhor que vem, estamos dispostos a uma mudança de vida que se traduza numa nova forma de encarar o mundo, de olhar para as pessoas com quem nos cruzamos, de acolher cada irmão e cada irmã que Deus coloca no nosso caminho?
- Os meios de comunicação social fornecem-nos a cada momento informações sobre a forma como o nosso mundo se vai construindo. Conhecemos bem as violências, as injustiças, as maldades, as misérias, os abusos que, por todo o lado, deixam um rasto de desumanidade, de sofrimento e de morte. Estas informações inquietam-nos e desenvolvem em nós um certo sentimento de solidariedade para com os nossos irmãos que são vítimas das injustiças e das arbitrariedades que chegam ao nosso conhecimento. Sentimo-nos vagamente culpados; mas, ao mesmo tempo, sentimo-nos impotentes, incapazes de mudar o rumo da história e de pôr cobro a todo esse imenso cortejo de sofrimento que desfeia o mundo. Espontaneamente brota uma pergunta: “Que podemos fazer?” Já encontramos resposta para esta questão? Como poderemos contribuir para uma nova ordem, para um mundo mais justo, mais humano, mais fraterno?
- “Que devemos fazer?” – perguntam as pessoas a João Batista. O profeta dá-lhes uma resposta direta, simples, clara, prática e contundente: “Quem tiver duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma; e quem tiver mantimentos faça o mesmo”. Esta resposta elimina as nossas escapatórias, põe a nu as nossas desculpas esfarrapadas, ridiculariza as nossas justificações fáceis. Mais de um terço da humanidade passa fome porque alguns açambarcam os bens que pertencem a todos; bilhões de irmãos nossos vivem abaixo do limiar da dignidade humana porque alguns construíram uma fortaleza à volta da sua “sociedade de bem-estar” e açambarcam os bens que Deus pôs à disposição de todos os seus filhos e filhas. Queremos continuar a construir o nosso bem-estar indiferentes à sorte dos que não têm o mínimo necessário para sobreviver? Estamos dispostos a viver de uma forma mais frugal, para podermos partilhar com os irmãos necessitados aquilo que lhes faz falta? Estamos dispostos a pagar mais impostos para que seja possível implementar políticas mais eficazes de apoio aos mais carenciados?
- “Que devemos fazer?” – perguntam os publicanos a João Batista. “Não exijais nada além do que vos foi prescrito” – responde-lhes o profeta. Sabemos que muitos, no nosso mundo, conduzidos pela ambição desmedida e pela falta de escrúpulos, continuam a apostar no enriquecimento rápido, na acumulação de riqueza à margem de todas as regras e de toda a moral. Que diria hoje João àqueles que especulam com bens de primeira necessidade, aproveitando as carências dos seus irmãos para acumular mais e mais? Que diria hoje João àqueles que cobram taxas excessivas pelos serviços prestados? Que diria hoje João àqueles que fogem aos impostos, prejudicando a comunidade e defraudando o bem comum? Que diria hoje João àqueles que branqueiam dinheiro sujo, muitas vezes ao serviço de interesses criminosos e imorais? Que diria João àqueles que se deixam envolver em esquemas de corrupção e de mentira? Será possível prejudicar conscientemente um irmão ou a comunidade inteira e acolher, com o coração tranquilo, “o Senhor que vem”?

- “E nós, que devemos fazer? – perguntam os soldados a João Batista. “Não pratiqueis violência com ninguém nem denunciéis injustamente; e contentai-vos com o vosso soldo” – responde-lhes João. Ora, em pleno séc. XXI a violência continua a manchar de sofrimento e de sangue a nossa história. Que diria hoje João àqueles que escolhem a violência e a guerra como forma de resolver os diferendos entre as nações? Que diria João àqueles que matam indiscriminadamente, muitas vezes em nome de Deus ou de ideais pretensamente elevados? Que diria João àqueles que usam a violência para satisfazer a sua ambição ou os seus interesses pessoais? Que diria João àqueles que, dentro dos muros das suas casas, têm atitudes de prepotência, de despotismo, de tirania sobre aqueles que fazem parte da sua família? Que diria João àqueles que exploram os seus trabalhadores, lhes recusam um salário justo, ou escravizam imigrantes estrangeiros? Que diria João àqueles que, nos tribunais, nas repartições públicas, nas receções das nossas igrejas, tratam os outros com sobrançeria ou arrogância? Sentimos que o apelo de João nos diz respeito, de alguma maneira?
- Jesus veio batizar no Espírito Santo e no fogo. Ora, nós recebemos esse batismo. No momento da nossa adesão a Jesus renunciamos ao pecado e acolhemos o Espírito vivificador, esse Espírito que animava Jesus e que o impulsionava para dar testemunho do Reino. Temos vivido de forma coerente com o batismo que recebemos? Deixamo-nos conduzir pelo Espírito e produzimos frutos bons, frutos do Espírito? Somos testemunhas e arautos de um mundo mais fraterno, mais humano, mais pacífico? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A **primeira leitura** constitui-se como um convite à alegria, dirigido pelo profeta Sofonias a Jerusalém. Este convite está fundamentado nesta certeza consoladora: «*o Senhor teu Deus está no meio de ti*». A proclamação deve ter em conta o tom alegre que marca a leitura, tirando proveito das formas verbais no imperativo: *clama, solta, exulta, rejubila*.

O mesmo tom alegre e exortativo está presente **na segunda leitura**. Uma especial atenção deve ser dada ao início da leitura, de modo que o imperativo «*alegrai-vos*» repetido duas vezes e o advérbio de modo «*novamente*» tenham a força que transmitem, pois marcam o tom de toda a leitura

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)